

Jorge Arrimar ganha prémio literário em Angola

O escritor angolano Jorge Arrimar, que foi professor de Português, durante alguns anos nos Açores, foi o vencedor da VI edição do Prémio de Literatura Dstangola/Camões.

Jorge Arrimar diz que a distinção não abarca toda a sua trajectória literária, incidindo apenas no seu último título, “Cuéle - o pássaro troçador”.

Ainda assim, segundo relata o Jornal Angolano de Artes e Letras, reconhece que este prémio é como uma luz que ajuda a iluminar uma trajectória que, até certo ponto, tem estado na semiobscuridade e que começou já há muito tempo, na década de 70, quando publicou os primeiros textos no suplemento literário do GRUCUHILA - Grupo Cultural da Huíla, e o primeiro livro de poesia, intitulado Ovatyilongo (Lubango, 1974).

Seguiram-se, lembra, muitos mais títulos em poesia e, nos últimos anos, de ficção, entre os quais a trilogia dos planaltos. O Planalto



dos Pássaros (2002), O Planalto do Salalé (2012) e O Planalto do Kisonde (2013), todos editados em Luanda pela Chá de Caxinde e em Portugal pela Campo das Letras.

Referindo-se à obra premiada, Jorge Arrimar nota que o livro foi sujeito à apreciação de um júri constituído por pessoas de reconhecido valor intelectual e grande conhecimento da literatura angolana, o que confere ao prémio uma qualidade “que não pode ser escamoteada por modéstia da minha parte”.

Na opinião dos jurados, Jorge Arrimar concilia “com naturalidade, num estilo simples e fluido, remi-

niscências de figuras relevantes da época e da sua própria história familiar e factos históricos profusamente documentados, que revelam tanto o esboço de uma harmonia possível no contacto entre duas culturas diferentes quanto a violentação de uma pela outra na concretização da ocupação colonial”.

O júri destacou ainda a qualidade de grande parte das obras apresentadas este ano a concurso, quer pelo seu domínio da língua e da escrita literária quer pela originalidade das suas temáticas ou pela sua crítica da realidade actual, que tornaram “mais difícil a decisão final”.

O galardão, no valor de 15 mil euros, será entregue ao vencedor, na quantia correspondente em kwanzas, em Angola, em Abril do próximo ano. Instituído com a missão de celebrar livros editados em poesia e prosa de autores angolanos de prestígio, o Prémio de Literatura Dstangola/Camões já distinguiu nomes como Zetho Cunha Gonçalves em 2019, pepetela em 2020, Benjamim M’bakassy em 2021, Boaventura Cardoso em 2022 e João Melo em 2023.

Jorge Manuel de Abreu Arrimar, o vencedor da VI edição, nasceu em Chibia, Huíla, em 1953. Na década de 1970, criou com amigos o Grupo Cultural da Huíla (Grucuhíla). Estudou na Faculdade de Letras da Universidade de Luanda, tendo concluído a licenciatura em História e especializando-se em Ciências Documentais. Foi professor de Português nos Açores, onde dirigiu, com Carlos Loureiro, um suplemento literário chamado Página Africana.



João Mendes Coelho

O Cuéle de Jorge Arrimar

Jorge Arrimar é um autor que transcende fronteiras dentro da Lusofonia.

Nascido na Chibia, no sul de Angola, com raízes profundas na história e nas gentes de lá, foi forçado a abandonar a sua terra devido à instabilidade política e social que se seguiu à independência de Angola.

Viveu e trabalhou em vários territórios lusófonos, incluindo os Açores, onde lecionou e aprofundou a sua ligação às culturas atlânticas, antes de rumar para Macau, onde dirigiu a Biblioteca Nacional.

Após o período em Macau, estabeleceu-se em Almada. É daí que por agora parte para as suas viagens literárias, históricas e geográficas.

A sua formação académica em História e Ciências Documentais moldou a sua visão crítica do mundo.

O título “Cuéle - O Pássaro Troçador” evoca o cuéle, um pássaro típico do sul de Angola, conhecido pelo seu canto distintivo, que parece troçar do que o rodeia.

No livro, o canto do cuéle surge em momentos chave, assinalando as incoerências e os ciclos da vida e da história.

Jorge Arrimar opta por contar a história, sem justificar ou condenar. Preenche as lacunas com a ficção e evita simplificar os eventos que marcaram o sul de Angola.

No coração da narrativa está o Comendador António José de Almeida, um homem bom, mestiço, comerciante e empreendedor, símbolo do equilíbrio entre raízes africanas ancestrais e influências europeias.

Ele desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do sul de Angola, navegando entre culturas e interesses diversos, promovendo harmonia em vez de conflitos.

A sua história é de resistência contínua às adversidades sociais e políticas, mostrando como a coexistência entre culturas distintas pode ser uma força transformadora. Um tema tão atual.

Mais do que um romance histórico, “Cuéle” é um retrato das gentes e culturas do sul de Angola entre os séculos XIX e XX.

Ao recuperar a figura do Comendador, entre outras, como José António Lopes, Iguira, Hangalo, Amúli e Nande, Jorge Arrimar devolve a voz a personalidades apagadas da História oficial.

O autor, com a sensibilidade de um etnógrafo e a criatividade de um poeta, recria estas vidas com delicadeza, enquanto os cuéles zombam das falhas humanas.



A obra convida-nos a revisitar narrativas que tomámos como certas, expondo ironias – como o facto de os últimos escravos em Angola serem homens brancos libertados por um próspero comerciante negro.

O Prémio Literário Dst/Angola Camões, recentemente atribuído ao autor, é um testemunho da relevância e qualidade desta obra singular.

Este reconhecimento de Jorge Arrimar na Literatura e Etnografia angolanas destaca o seu papel na preservação e reinterpretção das memórias culturais angolanas.

No seu canto, este “Cuéle” troça das narrativas históricas tradicionais e da nossa perceção do passado.

Ao receber este prémio, Jorge Arrimar resgata memórias perdidas e reafirma a necessidade de um olhar crítico sobre a História, devolvendo verdade e justiça à memória coletiva angolana.

Este campo de batalha simbólico, onde a História continua a ser debatida, é onde Jorge Arrimar se afirma como uma voz indispensável.

Ponta Delgada, 03 de janeiro de 2025.